



CULTURA NOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS, CULTURAIS E SOCIALMENTE ESTRUTURADOS POR MEIO DAS FORMAS SIMBÓLICAS

Murilo Aranha Guimarães Marcello * - murilomarcello@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo, parte da tese em processo, sob os auspícios da Capes, tem como objetivo compreender o significado de cultura nos processos comunicacionais e culturais socialmente estruturados, por meio dos quais as formas simbólicas são ascendidas e inseridas, averiguando questões como resistência e ideologia. Para tanto, buscou-se adotar a revisão bibliográfica como metodologia, a fim de refletir sobre a concepção estrutural de cultura, proposta de J. B. Thompson (2011) e o conceito de “Cultura da mídia” de D. Kellner (2001), assim, averiguando questões como resistência e relações de dominação. Nesse processo averiguou-se questões de relação da cultura com os meios de comunicação. Esse artigo busca contribuir para o processo de reflexão das relações de dominação e os significados de cultura nos processos comunicacionais.

Palavras-Chaves: Comunicação e Cultura. Conceito estrutural de cultura. Cultura da mídia.

Abstract: This article, part of the thesis in process, under the auspices of Capes, aims to understand the meaning of culture in socially structured communication and cultural processes, through which symbolic forms are ascended and inserted, investigating issues such as resistance and ideology. To this end, it was sought to adopt the literature review as a methodology in order to reflect on the structural conception of culture, proposed by J.B. Thompson (2011) and the concept of “Media Culture” by D. Kellner (2001),

investigating issues such as resistance and relations of domination. In this process, questions related to culture's relationship with the media were investigated. This article seeks to contribute to the reflection process of the relations of domination and the meanings of culture in the communicational processes.

Keywords: Communication and Culture. Structural concept of culture. Media culture.

1. Introdução

Este artigo, parte da tese em processo, tem como objetivo compreender o significado de cultura nos processos comunicacionais e culturais, socialmente estruturados por meio dos quais as formas simbólicas são ascendidas e inseridas, averiguando questões como resistência e o enfrentamento da ideologia. Esse objetivo discorre sobre a seguinte indagação: como se manifestam os processos comunicacionais e culturais, socialmente estruturados por meio dos quais as formas simbólicas são ascendidas e inseridas; e quais suas relações com a “cultura da mídia” e resistência no enfrentamento da ideologia? Para responder essa problemática, faz-se necessário entender o que é cultura e quais as suas concepções, pois, em torno da semântica da palavra cultura, já é encontrada uma complexidade.

O termo “cultura” tem recebido diversas definições, ao longo do tempo, atreladas às transformações históricas. Esse resgate histórico é trazido pelo sociólogo John B. Thompson (2011), que traça uma linha cronológica de três concepções de cultura: a clássica, a descritiva e a simbólica. A partir de então, o autor apresenta uma concepção própria: a concepção estrutural da cultura. Tais conceitos serão apresentados no decorrer do artigo, porém, o foco principal para essa discussão é a concepção estrutural da cultura, que considera o caráter simbólico dos fenômenos culturais e os contextos sociais nos quais estes fenômenos estão inseridos. Para ampliar essa discussão, é convocado Douglas Kellner (2001), em seus estudos sobre a cultura da mídia e o estudo cultural multiperspectívico.

A revisão bibliográfica adotada como metodologia debruça-se sobre as obras: “Ideologia e Cultura Moderna”, de J. B. Thompson (2011), e “A cultura da mídia”, de D. Kellner (2001).

No decorrer das duas seções do texto, serão abordadas as visões desses autores sobre o tema, buscando contribuir para o processo de reflexão das relações de dominação e os significados de cultura nos processos comunicacionais.

2. A concepção estrutural da cultura

Na literatura das Ciências Sociais, as formas simbólicas, de uma forma geral, são atreladas aos conceitos de cultura, como é argumentado por J. B. Thompson (2011). Apesar de tal conceito não ter um consenso, seus estudos, como concordado por muitos analistas, são tema central para as Ciências Sociais. Ao estudar a cultura e relacionar as formas simbólicas, busca-se entender a si mesmo e a outros pela interpretação das expressões que produzem ou recebem. Dentro deste contexto, nessa interpretação, o autor diz em compreender a “questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos” (THOMPSON, 2011, p. 165). Essa interpretação sobre uma interpretação se dá, pois, a vida social tem uma complexidade e não passa apenas por uma questão de objetos e fatos, que é o caso de fenômenos que ocorrem no mundo natural.

Para Thompson (2011), os estudos dos fenômenos culturais podem ser pensados como estudo do mundo sócio-histórico construído como um campo de significados. Para ele, pensar cultura dessa forma, refere-se a uma variedade de fenômenos e interesses que englobam outras disciplinas. Entretanto, não é desta forma que os estudos sobre a Cultura são normalmente usados, sendo este um território de disputas. O conceito de Cultura, principalmente, por ter uma longa história própria, acaba sendo produto de sua própria história. Aproximando-se do que é argumentado por Thompson sobre essas disputas na Cultura, Douglas Kellner (2001), acadêmico estadunidense focado na teoria crítica, argumenta que essas disputas são guerras entre teorias e estudos culturais.

Thompson (2011), ao estudar cultura, faz um resgate intelectual e propõe novo conceito para aprofundar os estudos sobre ela. O autor fala do propósito de distinguir entre quatro tipos básicos de sentido, para compreender o conceito de Cultura, sendo propostas, então, as concepções: clássica, descritiva, simbólica e estrutural. Essas concepções são apresentadas, dentro de uma perspectiva histórica, com o intuito de

fundamentar sua concepção de cultura, porém, o autor vai além: faz do estudo sobre o tema, uma ponte para estudar e compreender as relações de ideologia, meios de comunicação e relações de dominação.

A primeira das concepções básicas da cultura é a concepção clássica. Nessas discussões, o termo “cultura” era usado para se referir a um processo de desenvolvimento, ou seja, cultura era um processo de desenvolvimento intelectual e espiritual que buscava uma elevação dentro da civilização, uma evolução. Os termos “cultura” e “civilização”, na França e Inglaterra, tinham o uso para descrever um processo geral de desenvolvimento humano, tornando-se o ser “culto” ou “civilizado”. Entretanto, foi na língua alemã, que o termo tomou outro rumo, como é explicado por Thompson:

A palavra "Zivilisation" foi associada com polidez e refinamento das maneiras, enquanto "Kultur" era usada mais para se referir a produtos intelectuais, artísticos e espirituais nos quais se expressavam a individualidade e a criatividade das pessoas (THOMPSON, 2011, p. 165).

Pensar cultura através dessa concepção é pensar que um privilégio outorgado a certos trabalhos e valores da civilização, ou seja, a cultura restringe apenas àqueles mais providos de capitais, desta forma desqualifica outros valores e tradições que vêm de baixo dos dominantes.

Seguindo a linha de complexidade das concepções de cultura, Thompson (2011) aponta, com o aparecimento da Antropologia no século XIX, que a concepção clássica dá lugar a dois tipos de concepção: a descritiva e a simbólica (p. 166). Na concepção descritiva, buscou-se reunir um amplo grupo de valores dos grupos da sociedade, hábitos antropológicos, buscando abandonar o evolucionismo etnocêntrico. Porém, essa concepção aproximava-se muito da área biológica da época, o darwinismo, com a intenção de catalogação ou verificação das culturas existentes no mundo. Entretanto essa concepção não eliminou a ênfase de primitiva na ideia de progresso, ou seja, ainda era vista a cultura europeia como superior e as outras como inferior.

Já na concepção simbólica, o foco passa a ser interesse com o simbolismo. Nesta concepção, a cultura é interpretação dos fenômenos simbólicos e o estudo da cultura através dos símbolos e da ação simbólica, mas é na obra de Clifford Geertz, A

Interpretação das Culturas, que Thompson ressalta como a mais importante formulação do conceito de cultura, porque transferiu a análise da cultura para o âmbito do significado e do simbolismo. Thompson (2011) afirma que o estudo da cultura de Geertz se preocupa em discernir os padrões de significado e discriminar as gradações de sentido, tornando inteligível a forma de vida que já é significativa para os que a vivem.

Ainda assim, Thompson (2011) aponta algumas limitações do trabalho de Geertz: ao usar o termo cultura de maneiras diferentes, nem sempre de modo claro e preciso; ou quando relaciona a análise cultural com a interpretação de um texto, desse modo, a atividade etnográfica se compara à produção de um texto, mas para Thompson, a relação entre o texto etnográfico e o assunto/tema sobre o qual o etnógrafo está escrevendo pode ser muito mais complexo do que os preceitos metodológicos sugeridos pelo antropólogo. E, por último, Thompson destaca que a abordagem de Geertz não dá atenção suficiente para os problemas de conflito social e de poder ou seja.

Para Thompson, conceituar cultura é, no que ele chama de concepção estrutural da cultura, “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas” (THOMPSON, 2011, p. 166), para o estudioso, é necessário entender a análise cultural como o estudo das formas simbólicas e qual seria o contexto e processo histórico específico e socialmente estruturado, levando em conta o meio no qual são produzidas, transmitidas e recebidas, essas ações, objetos, expressões significativas, etc.

É neste ponto que Thompson (2011) reformula o conceito, a partir das concepções anteriores, que lhe dão fundamento, para criar a “concepção estrutural da cultura”. Sua concepção dá ênfase ao caráter simbólico dos fenômenos culturais, mas também se atenta aos contextos sociais, nos quais estes fenômenos estão inseridos, portanto, os fenômenos culturais são entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados, assim como a análise cultural contempla a contextualização das formas simbólicas.

Enquanto formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos assim para os atores como para os analistas. São fenômenos rotineiramente interpretados pelos atores no curso de suas vidas diárias e que requerem a interpretação pelos analistas que buscam compreender as características significativas da vida social. Mas estas formas simbólicas estão também

inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas. (THOMPSON, 2011, p. 181).

Um dos objetivos do autor, em sua concepção estrutural da cultura, é identificar algumas características-chave das formas simbólicas, considerando-as enquanto “fenômenos significativos” – como ações, gestos, rituais, manifestações verbais, textos e etc. Assim, Thompson aponta cinco características das formas simbólicas e as descreve como “intencionais”, “convencionais”, “estruturais”, “referenciais” e “contextuais”, entendidas em seu modo de “significado”, “sentido” e “significação”.

O aspecto intencional das formas simbólicas supõe que as formas simbólicas são expressões de um sujeito para outro sujeito e/ou sujeitos. As formas simbólicas, desse modo, são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar essas formas, tem como propósito de expressar o que quer dizer. “O sujeito-produtor também tenta expressar-se para um sujeito ou sujeitos que, ao perceber e interpretar as formas simbólicas, percebem-nas como a expressão de um sujeito, como uma mensagem a ser entendida” (THOMPSON, 2011, p. 183 e 184). Isso não quer dizer que o significado das formas simbólicas produzidas possa ser analisado de forma a desvelar o que o sujeito-produtor “tenciona”, mas perceber que elas foram produzidas por um sujeito.

A segunda característica das formas simbólicas, indicada por Thompson (2011), é o aspecto convencional, que diz respeito às regras, códigos ou convenções variadas, como regras de gramática, modos de expressão, sinais, letras, palavras e assim por diante, situadas nas formas simbólicas, muitas vezes até, de maneira inconsciente, por já estarem incorporadas numa determinada cultura. Segundo Thompson (2011, p. 186), “elas fazem parte do conhecimento tácito que os indivíduos empregam no curso de suas vidas cotidianas, criando, constantemente, expressões significativas e dando sentido às expressões criadas por outros”.

O aspecto estrutural das formas simbólicas, por sua vez, compreende que as formas simbólicas são construções que possuem uma estrutura articulada, de acordo com o autor, a estrutura de uma forma simbólica nada mais é que um padrão de elementos que

podem ser discernidos em casos concretos de expressão, em suas efetivas manifestações verbais, expressões ou textos.

Já a quarta característica das formas simbólicas é o aspecto referencial, no qual as formas simbólicas são construções que representam algo, referem-se a algo. Thompson (2011) também denomina de “especificidade referencial”, pois numa dada ocasião, uma expressão particular se refere a um objeto, indivíduo e/ou situação específicos. Com isso, além das figuras ou expressões representarem algo, também afirmam ou declaram algo sobre ele.

A quinta e última característica das formas simbólicas, indicadas por Thompson, é o aspecto contextual. As formas simbólicas sempre estão inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos. O modo como as formas simbólicas são construídas, produzidas e recebidas, assim como o sentido e o valor que têm para os indivíduos que as compartilham, depende, em grande parte, dos contextos que as propiciam, mediam e as fazem circular. Thompson (2011) se debruça amplamente sobre este aspecto das formas simbólicas, ressaltando a importância de considerar o contexto sócio-histórico para uma análise cultural. Os contextos se situam em circunstâncias espaço-temporais específicas, as quais afetam as condições de produção das formas simbólicas, estando estruturadas de variadas maneiras.

Ao pensar cultura, através dessa concepção, temos uma base para pensar o envolvimento da cultura com emergência e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Os meios de comunicação de massa, por uma questão tecnológica, são um mecanismo poderoso de produção e transmissão, atrelados à indústria da mídia, sendo a cultura difundida por esses meios, como um produto. Thompson expande esse conceito nesta citação (2011, p. 167): “Assim, a emergência e o desenvolvimento da comunicação de massa pode ser vista como uma transformação fundamental e contínua das maneiras como as formas simbólicas são produzidas e circulam nas sociedades modernas”.

Nessa linha de pensamento em que a cultura foi inserida pelo autor, abre-se espaço para atrelá-la à Ideologia. Neste contexto, temos uma concepção de ideologia, desenvolvida por Thompson (2011), entendida por uma forma simbólica, que sob determinadas circunstâncias, estabelece e sustenta relações de dominação, entendendo

por dominação, relações de poder que são sistematicamente assimétricas. Assim, a ideologia pode estar ligada a uma cultura hegemônica e dominante.

Com a luz desses conceitos de Thompson (2011), tanto de cultura quanto de ideologia, pode-se ver a força das formas simbólicas, nas relações de dominação, tanto para sustentar ou criar tais relações. E nesse processo, os meios de comunicação ampliam o alcance dessas formas simbólicas e da ideologia.

3. Cultura da Mídia

Thompson, ao relacionar cultura com os meios de comunicação, abre espaço para a compreensão da cultura, como um produto da indústria da mídia, aproximando-se do pensamento de Douglas Kellner (2001), que denomina essa indústria cultural da mídia, como “Cultura da Mídia”. Este autor argumenta que, como um fenômeno histórico, a cultura da mídia é algo relativamente recente. Aproximando-se do que Horkheimer e Adorno (1972) falam sobre a indústria cultural, Kellner (2001) menciona que, em países capitalistas, principalmente no EUA, “a mídia veicula uma forma comercial de cultura” (p.27). Neste caso, exigindo um mínimo denominador comum para o consumo dessa cultura, já que sua produção é realizada com a finalidade de lucro. Para atrair o máximo de compradores, busca-se produzir uma cultura que não ofenda as massas. Portanto, a cultura da mídia, em grande parte, é promovida por interesses das classes dominantes, pois, normalmente possuem e controlam esses meios de comunicação.

Kellner se contrapõe aos termos “cultura de massa” e “cultura popular” porque elas trazem o sentido do pensamento dominante. Para ele, o termo “popular” sugere que a cultura de mídia provém do povo, mas, esse seria um movimento de cima para baixo e não de baixo para cima, sendo um pensamento “monopólico e hegemônico, portanto, neutraliza condições culturais e dissolve práticas e grupos oposicionistas de neutro de “massa” (KELLNER, 2001, p.50). Segundo Kellner, com este termo, evita-se de utilizar termos ideológicos. Esse pensamento é aproximado do pensamento dos Estudos Culturais Britânicos, citados por ele. Para ele, a mídia encontra-se centrada em uma cultura própria, que no caso, abre campo para relações dominantes como para relações de resistência.

Em seus estudos, Kellner (2001) fala que o conceito de cultura vem sendo um produto de um tempo de mudanças e transformações drásticas. Para o autor, isso se acelera, principalmente, com as mudanças entre os anos 1960, quando ocorreram prolongados tumultos sociais, sendo um dos fatores principais, para o surgimento de novos movimentos sociais, que desafiaram as formas estabelecidas de sociedade e cultura. Essa situação é aprofundada com a Globalização. Esses movimentos sociais foram realizados para frear os movimentos conservadores/homogêneos da cultura. Kellner (2001) fala que nesse “contexto, portanto, é de vital importância entender o papel da cultura numa vasta gama de lutas sociais, tendências e desenvolvimentos em curso” (p.31). Ele não se limita a argumentar que, em uma cultura da mídia, não só apenas sustentam ou criam relações de dominação, mas abre-se espaço para uma resistência social. O autor ainda menciona que a expansão das novas tecnologias de mídia orienta um controle nas relações, sendo uma poderosa forma de controle social. Essas formas de controle e vigilância, por meio de tecnologias, para o autor, não passam de uma encarnação contemporânea do Grande Irmão (Big Brother).

Na verdade, sua simples existência já cria a possibilidade de minar as energias políticas e de manter as pessoas bem guardadas dentro dos confins de seus centros de entretenimento doméstico, distante do tumulto das multidões e dos locais de ação política de massa (KELLNER, 2001, p. 26).

Com a ampliação das novas tecnologias, pensando na questão de resistência, com a mudança na contemporaneidade, aqueles que são vigiados, utilizando as novas tecnologias, podem inverter o papel e passar a vigiar.

Kellner (2001) fala que, nos anos 1990, “novos discursos teóricos alinharam-se sob rótulo de “multiculturalismo”. Afirmando alteridade e diferença, além da importância de atender grupos marginalizados, minoritários e contestadores, que antes eram excluídos do diálogo cultural” (p.37). A multiculturalidade nada mais é que as formas culturais como formas de resistência, em uma luta contra as formas sociais e culturais “hegemônicas” de dominação, um estudo cultural crítico que se aprofunda em formas de opressão e dominação. O termo multicultural é utilizado como um conceito geral para analisar as diversas intervenções culturais que insistem na importância de estudar as

representações de classe, sexo, sexualidade, etnia, etc. Através deste termo, ele também propõe que o estudo de cultura seja um estudo cultural multiperspectívico que “utiliza uma ampla gama de estratégias textuais e críticas para interpretar, criticar e desconstruir as produções culturais em exame” (KELLNER, 2001, p.129).

Em um contexto de guerras culturais espalhadas pelo mundo, desde países desenvolvidos a países em desenvolvimento, essas situações podem ser locais, nacionais e globais, articuladas em si por meio de textos da mídia, sendo campo de disputas por grupos sociais rivais, mas, o ponto mais relevante, nestas disputas, são as culturas, normalmente propagadas como certas na cultura dominante/hegemônica.

Kellner (2001) argumenta que para entendermos o que está acontecendo em nossa sociedade e o nosso cotidiano, é preciso ter sobre a cultura da mídia e as teorias sociais, uma perspectiva teórica que nos ajude a explicar tais mudanças e conflitos. Porém, logo somos orientados pelo autor que esse campo é uma terra sedenta de disputas, sendo denominada como “Guerra entre teorias”. Com as mudanças intensas nas lutas culturais, sociais e políticas, também surgiu um grande número de teorias que trariam átona temas como a cultura e a sociedade. Sendo observada, nos anos 1960, uma crescente vertente teórica na França, com uma proliferação de discursos novos emanados pela teoria pós-estruturalista, Douglas Kellner (2001) fala sobre uma certa rejeição desses movimentos pós-estruturalistas, surgindo novas sínteses:

No entanto, voltando-se exatamente para as (mantém) teorias cujas afirmações extravagantes rejeitava, o movimento pós-estruturalista apresentou novas sínteses do marxismo, da psicanálise, da semiótica e do feminismo, produzindo uma quantidade luxuriante de discursos teóricos, que circularam por todo o mundo. (KELLNER, 2001, p. 34).

Esse tumulto ocorrido, na década de 1960, foi tranquilizado na década seguinte. No entanto, segundo Kellner (2001), as guerras entre teorias continuaram intensificadas, principalmente, pela globalização teórica, sendo disseminadas pelas culturas periféricas e nacionais. Kellner (2001) fala que com a globalização, teóricos do Terceiro mundo e dos Estados Unidos se apropriavam de discursos de teóricos europeus, resultando em novas teorias críticas. Justamente neste contexto, surgem discursos em torno de raça, classe, etnias preferências sexuais e nacionalidades, desta forma, criando um desafio

teórico para explicar fenômenos antes ignorados ou subestimados (p.35). Com a superação desse período, houve uma trégua das “guerras entre os que privilegiam a classe e os que privilegiam coisas como raça e sexo” (KELLNER, 2001, p.36). Assim foi criado um consenso que todos esses determinantes são de fundamental importância para a superação teórica que envolvia os discursos de minorias.

Ao apoiar-se em teorias como as de Thompson e Kellner, que buscam justamente minar relações de dominação, essas teorias, como argumenta Kellner (2001), “elucidam as realidades sociais e ajudam os indivíduos a entender seu mundo” (p.38). Logo, essas teorias são vistas como ferramentas que ajudam a enxergar os campos sociais específicos, buscando-se interpretar fenômenos relevantes, mas indo além, criticando determinados estados das coisas. Kellner, em suas palavras, explica quais caminhos essas teorias levam o pesquisador: “As teorias oferecem recursos para falar de experiências, discursos, práticas, instituições e relações sociais comuns. Também indicam conflitos e problemas, fornecendo recursos para discuti-los e para procurar soluções” (KELLNER, 2001, p.38).

Ao apoiar-se em Kellner e Thompson, autores que, na busca de uma construção de uma sociedade melhor, utilizam de teorias críticas da sociedade, girar em torno das práticas socioculturais, pode, inclusive, ajudar nessa construção, mostrando principalmente, o que é necessário para transformar, ou seja: que tipo de ação pode produzir uma transformação, especificando estratégias e táticas que tragam o sucesso das transformações sociais progressistas? Buscar verificar e entender o papel da cultura na sociedade, atrelando a formas simbólicas, é entender o quanto os meios de comunicação colaboram para essas relações. Levem elas o sentido dominante ou de resistência.

4. Considerações finais

Nessa busca da compreensão do significado de cultura, nos processos comunicacionais e culturais, socialmente estruturados por meio dos quais as formas simbólicas são ascendidas e inseridas, podem-se averiguar questões que relacionem à cultura aos meios de comunicação, entre elas, a ideologia e a resistência.

À cultura, por carregar uma complexidade e historicidade intrincada, inclusive a semântica da palavra, faz-se necessário ter o entendimento de seus conceitos, porém neste texto, foi adotada como linha de pensamento, a concepção estrutural da cultura, que no caso, dá ênfase ao caráter simbólico dos fenômenos culturais e aos contextos sociais aos quais esses fenômenos estão inseridos, assim, contemplando a contextualização das formas simbólicas em fenômeno. Neste caso, também interessa estudar o conceito proposto por Thompson (2011), principalmente, por colocar a cultura em um patamar de envolvimento com a emergência e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, assim, podendo ampliar a discussão de cultura com sua homogeneização na mídia.

Pensar cultura na mídia ou “cultura da mídia”, como é proposta por Douglas Kellner (2001), é pensá-la como um produto da indústria midiática, exigindo um mínimo de denominador comum para o crescimento do consumo tendo como finalidade de obtenção de lucro. Esse conceito de cultura pode ir além, ter a finalidade de sustentar ou criar relações de dominações, já que o controle desses meios, normalmente é realizado pelas classes dominantes, mas abre espaço para uma resistência social. Neste caso, faz-se necessário evitar certos termos que liguem a “cultura da mídia” à “cultura da massa” ou “cultura popular”, que trazem a percepção de algo intrinsicamente ligado ao “povo”. Sob esse prisma, pensa-se em um olhar dirigido à cultura e aos estudos culturais voltados para a mídia, como contribuições futuras às investigações do tema.

6. Referências

- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

* **Murilo Aranha Guimarães Marcello: Doutorando e Mestre em Comunicação e Cultura (Uniso). Bolsista integral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).**